

- 9 MAI 1996

DIVAGAÇÃO SOBRE O TEMPO


 José Sarney

O tempo é sempre um fator decisivo nas decisões. Já o Velho Testamento ensinava que há tempo para tudo, para semear e para colher. Eu, por exemplo, durante o tempo de presidente, tive a difícil e trabalhosa tarefa de semear e não pude ter a alegria da colheita dos tempos institucionais que mudaram.

O Frei Antonio das Chagas fez um soneto célebre que corre o mundo da língua portuguesa, falando da Conta e do Tempo. "Deus pede estrita conta do meu tempo / e eu vou, de meu tempo, dar-lhe conta." São os dois primeiros versos. E o último terceto é: "Pois aqueles que sem conta gastam o tempo / quando o tempo chegar de prestar conta, / chorarão, como eu, o não ter tempo."

Já a sabedoria paquistanesa é mais complexa: "Só tem tempo quem não tem tempo." Realmente, os que têm muito tempo não têm tempo para nada. Um homem de empresa de Nova York me disse uma vez: "O bom empresário é aquele que está tomando banho na praia." "Por quê?", perguntei-lhe. "Porque sua empresa vai bem, ele tem a cabeça livre de problemas e, portanto, pode ir à praia."

Pensei eu, então, quantos bons empresários teriam o Rio de Janeiro e o Nordeste, com tantas lindas praias! E imaginei que o grande incentivo à boa empresa não era nada de incentivos, mas ter boas praias, bem estruturadas, pois seriam tão atrativas que fariam os homens de negócios buscar eficiência, não pelas vantagens da competitividade na economia de mercado, mas pela sedução de ir à praia.

Esta conversa toda vem a propósito da luta permanente dos homens em busca da modernidade, palavra que está na vida da humanidade em todos os tempos e em todos os lugares. Chaplin fez o seu clássico *Tempos Modernos*, numa crítica à industrialização, sinônimo de modernidade. O presidente Fernando Collor já tinha outro conceito de modernidade, ligado ao esporte, à vitalidade e, daí, a imagem de um presidente de ultraleve, *jet-ski*, aerobarco, potentes motocicletas e caminhadas com direito a filosofia na camiseta. Eu, porque usava jaquetão, era a antítese de ser esportivo. Eu jamais seria o presidente de camiseta e manga cavada. O Menem, que também era moderno, jogava golfe e tênis, posava ao lado de belas modelos, quis ser mais moderno e quebrar todas as tradições: entrou em La Paz, montado num cavalo, em companhia do presidente Paz Zamora, em uma visita presidencial.

Hoje, ser mesmo moderno é estar na *Internet*. Usar o computador e perguntar ao interlocutor: "Você já fez sua *home page*?"

Eu já estou fazendo a minha, mas

pedi que o retrato fosse sempre com jaquetão de quatro botões, mais moderno para mim, na moda, que vai e vem, porque sempre o que era velho fica novo e vice-versa. Mas em política o grande ataque que se pode fazer, porque é global, é a acusação de ser ultrapassado, bolorento, infenso a idéias novas, saudosista, sebastianista e, hoje, marxista. Chamar de "comunista", nem falar. Antigamente era sinal de perigo, insulto e delação, comedor de crianças e matador de Deus. Hoje, é diferente: comunista é paleontologia política. Não é o

moderno, o sonhador de uma sociedade futura, mas o bronco representante do atraso. Neoliberal, este é o tal, mais moderno do que o moderno, como o era no século XVIII.

Li uma recente entrevista de Galbraith: ele fala que as mudanças na sociedade não podem ser confundidas com a concepção da modernidade nem do tempo, que são outra coisa. A cada época, sua moda. O trator era o moderno do cavalo, a calculadora eletrônica, o moderno do ábaco. Com o tempo, ficam amigos e voltam a ser modernos.

Eliot bem definiu o tempo, esse processo da consciência, "Time present and time past / Are both perhaps in time future / And time future contained in time past". (O tempo presente e o passado estão, ambos, talvez, no tempo futuro, e o tempo futuro está contido no tempo passado.) No fundo, o *hoje* é ontem e amanhã, *este*, o hoje e o *passado*, que é o hoje e o futuro.

Dá para entender? Isso a gente não entende. Vive.

■ José Sarney é presidente do Senado



Kácio